

RUBEM BRAGA

NOITE

VI as sombras da noite avançando sobre o mar, entre árvores trêmulas. A tarde se lembrou que era junho, e esfriou; então, como um bicho obediente, eu fiquei triste. O céu mandava ficar triste: de longe ainda vinham melancólicos pios de pássaros, os últimos que se recolhiam, e me senti sozinho, como se fôsse uma criança perdida em uma praia deserta.

Assim estava o meu coração desarmado na sua tristeza quando chegou a tua lembrança; e lembrar-me de ti foi como sentir uma ave cansada pousar em mim. Tua lembrança era doce e meiga, como às vezes foi tua presença. Não fiz um gesto, nem murmurei uma palavra de ternura; fiquei quieto, sentindo o peso leve de tua lembrança como um homem que tem sobre o peito uma cabeça de mulher, e fica imóvel para não despertá-la. Esse homem por fim adormece; e quando acorda ainda tem um vago cuidado em não perturbar a amada; e só então vê que ela partiu. E sai pelos caminhos à sua procura, e ergue a voz nos ermos, e não a encontra mais.

Que história é essa que eu inventei sozinho quando a noite já se faz tão escura? Não se parece com a nossa, que é mais amarga e banal. Inventei essa história porque senti que a tua lembrança boa, que pousara em meu coração, era apenas um instante: logo viriam outras lembranças — de desamor, de tédio e desespero.

Não sou mais um bicho obediente; sou um homem inquieto, e olho a noite. As luzes da cidade se acenderam, e são fracas; no céu há manchas escuras de nuvens, e poucas estrelas. A noite urbana é vazia e vulgar; e assim é meu coração.

24/6/58

CM 30.5.54

M 233